



RELAÇÕES DE GÊNERO EM ESPAÇOS SOCIAIS DE SEGREGAÇÃO/EXCLUSÃO

Sandra Leila de Paula

A presente reflexão é fruto de um trabalho de pós doutorado que propôs-se a um estudo comparativo a fim de pensar as relações centro / periferia em dois países (Brasil e Portugal), nas cidades de Ribeirão Preto (Brasil) e Porto (Portugal), em espaços sociais periféricos e violentos das duas cidades, o bairro periférico do Ipiranga (Ribeirão Preto/Brasil) e o bairro social do Lagarteiro (Porto/Portugal), no intuito de analisar e compreender a organização desses espaços sociais, em suas características e imbricações, identidades e diversidades, especificidades e generalidades, abarcando a organização desses espaços econômicos, sociais e culturais internos, bem como em sua dinâmica interna / ampliada; entre centro e periferia do capitalismo mundial.

No decorrer do trabalho, nos deparamos com as dinâmicas e formas de sociabilidade desses espaços, o que nos chamou a atenção para as relações de gênero ali estabelecidas. Enquanto espaços de segregação social, encontramos uma rearticulação entre formas de sociabilidade tradicional, capitalista e das/nas ruas, bem como a reorganização familiar predominantemente baseada na monoparentalidade materna.

Dessa forma, nos propomos a tratar, nesse trabalho, de pensar nas diversas e rearticuladas formas de vivência familiar baseadas na figura feminina, em espaços sociais segregados/de exclusão, numa perspectiva comparativa entre Brasil e Portugal, entre centro e periferia do capitalismo atual, considerando as diversas e significativas modificações, nesses espaços, no que concerne às relações de gênero e principalmente em relação às figuras femininas e suas vivências nessas famílias e espaços sociais.

O Capitalismo embora sistema mundial, compõe-se por um mosaico de diversidades que, de acordo com cada espaço social em que se instala, carrega consigo as expressões da cultura, dos valores, da ética, dos costumes, a história de constituição do povo que a construiu e coabita em cada espaço, em suas relações econômicas, políticas, culturais, ideológicas que, embora sigam a regra fundamental da produção, reprodução e ampliação do capital, sob a dominação de determinada classe social, compõe-se de modo diferente, específico, peculiar, não somente em suas relações internas, mas na totalidade do sistema

Entendemos que, para os fins de pesquisa, trabalhar com famílias desses espaços de exclusão nos leva à compreensão mais aproximada da dinâmica desses grupos.



Pensar sobre família, nos faz refletir sobre a sociedade atual, pois a família moderna, em oposição à família tradicional, nos remete ao processo de urbanização e industrialização característicos do sistema capitalista em seus arranjos e rearranjos, em suas tradicionais e novas formas de sociabilidade.

O processo de transformação social, econômico e político no mundo do trabalho, na esfera da produção, exigiram uma grande transformação na esfera da reprodução social, no trabalho e no modo de produção familiar.

Com o processo de urbanização e industrialização há uma nova divisão social do trabalho e das esferas de produção e reprodução social, o que gerou uma nova e diferente separação das esferas doméstica e de trabalho, do espaço público e do privado, o que alterou as relações familiares e geracionais, principalmente com a predominância da família conjugal-nuclear, ou pelo menos a predominância do seu ideário, a fim de atender as novas necessidades do capital.

No ideário do capitalismo industrial deveria haver a predominância da esfera produtiva entre homens e jovens adultos tornados trabalhadores, enquanto as mulheres ficariam responsáveis pelo espaço doméstico, pela família, pelos filhos, enfim pela reprodução social, em famílias conjugais-nucleares. Isso sustentaria, estaria na base da vida urbana e do capitalismo, porém, essa estrutura familiar, bem como as relações de produção nunca foram assim.

Historicamente sabemos que incontável sempre foi a participação de mulheres e crianças na esfera produtiva e na medida em que as relações de produção foram se reorganizando, se reestruturando, na medida em que rápidas e inúmeras transformações se foram processando nesse universo, as mulheres foram redimensionando sua atuação nas diversas esferas sociais.

As inovações tecnológicas e científicas na produção, nas relações de produção, do trabalho e do não trabalho, também modificaram profundamente as relações e estruturas familiares, o que nos levou a pensar que por meio do entendimento dessas relações poderíamos nos aproximar das relações e do *modus vivendi* característico desses espaços sociais.

Sabemos que, atualmente, o ideário de família conjugal-nuclear moderna tem convivido com novas formas/estruturas familiares. Com muita frequência e de forma significativa encontramos famílias monoparentais, múltiplas, recompostas, alargadas, unipessoais, como alternativas de ajuste ou (re)ajuste às novas exigências da sociedade global, principalmente famílias monoparentais femininas nos espaços sociais segregados e excluídos, o que sempre nos inquietou muito..

A fim de compreendermos não somente a dinâmica estrutural capitalista, como a pluralidade de relações e representações dos sujeitos envolvidos em seu cotidiano, em suas diferenças e



semelhanças entre os dois universos em estudo, optamos em utilizar uma metodologia que privilegiasse os aspectos qualitativos da pesquisa, junto às famílias dos espaços pesquisados. Não que desconsideraremos os dados quantitativos, mas, ao contrário, levaremos em conta o que os dados em quantidade nos revelam, em consonância com os dados em profundidade que coletamos ao longo do nosso trabalho.

Para tal utilizamos a observação e diário de campo, unidos a uma coleta fotos do bairro e redondezas, com a finalidade de aprender os espaços e suas relações quotidianas, bem como a entrevista abertas com famílias dos bairros, no intuito de dar voz a esses moradores, integrantes desses espaços sociais, e assim compreendê-los em sua complexa dinâmica e profundidade, como nos indica Bourdieu(1997)

“Para compreender o que se passa em lugares como os ‘conjuntos habitacionais’ ou os ‘grandes conjuntos’, e também numerosos estabelecimentos escolares, aproximam pessoas que tudo separa, obrigando-as a coabitarem, seja na ignorância ou na incompreensão mútua, seja no conflito, (...)É necessário confrontá-los como eles o são na realidade, não para relativizar, (...) mas, ao contrário para fazer aparecer, pelo simples efeito da justaposição, o que resulta no conflito de visões de mundo diferentes ou antagônicas.” (BOURDIEU,P.,1997, p.11)

Assim, ao pensarmos num espaço social periférico no Brasil, trabalhamos com a cidade de Ribeirão Preto, um espaço privilegiado dentro do Brasil, que possui uma dinâmica muito desenvolvida e tecnologicamente avançada em todos os setores da produção, distribuição e terceirização. Compõe-se como um espaço agro industrial, “capital do agronegócio”, porém isso não o livra dos espaços de pobreza e exclusão característicos do próprio sistema.

Nesse espaço privilegiado trabalhamos no bairro Ipiranga, um dos bairros mais antigos e perigosos da cidade. Um bairro periférico, habitado por famílias de trabalhadores, desempregados e duas grandes áreas de favelamento unidas ao tráfico de drogas predominante grande parte do bairro.

A fim de compararmos os espaços em estudo, na Europa, especificamente em Portugal, trabalhamos com a cidade do Porto, a cidade mais importante da industrializada zona do litoral norte de Portugal, muitos dos mais importantes grupos econômicos do país, de diversos setores, têm a sua sede social na cidade do Porto ou na [Grande Área Metropolitana do Porto](#).

Sempre compôs com Lisboa o principal eixo econômico do país, uma região integrada internamente à dinâmica capitalista portuguesa, compondo o grupo de países do bloco econômico e político mais integrado ao capitalismo internacional, o que não o eximiu de compor-se também por espaços de exclusão/segregação social, como o bairro social do Lagarteiro.

“O Lagarteiro é o Bairro mais periférico da cidade do Porto, encontrando-se inscrito numa zona marcada por uma ainda forte ruralidade, mal servida em termos de transportes públicos e com uma rede viária de acessos



deficientes. Nesta sentido, o Lagarteiro surge como um aglomerado residencial desintegrado da malha urbana envolvente, fechado sobre si, distanciado da cidade dominante e alvo do processo de segregação sócio-espacial.” (Relatório Final Lagarteiro: uma intervenção alicerçada na participação, 2009, p.3)

O bairro do Lagarteiro está situado numa área distante do centro, de forma a caracterizar-se à “ margem” ou como Dulce Whitaker (2001) muito utiliza “as franjas “ da malha urbana. Acaba por ser ocupado como um fragmento desarticulado internamente e segregado socialmente.

Um bairro periférico, habitado por famílias de trabalhadores, desempregados, vivendo de benefícios sociais, articulado ao tráfico de drogas em boa parte dele.



Dados estatísticos de síntese, em 2001

(a vermelho estão sinalizados os indicadores numa posição favorável no Lagarteiro face ao concelho do Porto e aos índices de Portugal; a azul estão sinalizados os indicadores numa posição desfavorável)

		Lagarteiro	Concelho do Porto	Portugal
1	População total	1.892	261.239	10.356.117
2	População com menos de 25 anos (%)	37,8	27,1	30,3
3	Média etária	35,0	41,7	39,0
4	População residente com deficiência (%)	8,6	7,5	6,1
6	Famílias unipessoais (%)	12,7	25,3	17,3
7	Famílias monoparentais (%)	20,3	12,0	9,0
8	Famílias clássicas com 5 ou mais pessoas (%)	19,3	8,0	9,5
9	Famílias compostas exclusivamente por indivíduos com 65 ou mais anos (%)	9,8	19,4	17,4
10	Mulheres residentes com idade compreendida entre os 15 e os 19 anos que vivem com filhos no núcleo (%) (maternidade na adolescência)	11,1	2,6	2,6
11	Edifícios com necessidades de reparação (inclui os muito degradados) (%)	80,6	64,0	40,9
12	Alojamentos familiares clássicos de residência habitual sobrelotados (%)	41,0	19,0	16,0
13	Número médio de indivíduos por alojamento	3,4	2,1	2,0
14	Média das rendas mensais dos alojamentos clássicos de residência habitual arrendados (Euros)	29,4	94,5	122,3
15	População residente desempregada face à população residente com actividade económica (%) (taxa de desemprego)	16,6	10,2	6,8
16	População empregada por conta de outrem (%)	90,1	84,7	81,6
17	População empregada com horário semanal de trabalho de menos de 30 horas (%)	10,5	12,6	8,1
18	Indivíduos residentes com o ensino básico completo, relativamente à população com 15 ou mais anos	20,2	53,0	38,0
19	Indivíduos residentes com o ensino secundário, médio ou superior completo, relativamente à população com mais de 15 anos	6,4	36,4	22,0
20	População residente empregada ou estudante que se desloca, cujo principal meio de transporte é o automóvel (%)	22,0	42,7	45,9
21	População residente empregada ou estudante que se desloca cujo principal meio de transporte é público colectivo (%)	57,9	28,7	19,6
22	Duração média dos movimentos pendulares (minutos)	36,4	23,8	20,9

Fonte: Relatório Final do Lagarteiro: uma intervenção alicerçada na participação, 2009



Temos então, conforme os apontamentos de Robert Kurz (1991), na região de “vencedores” agrícolas desses países, a “marginália”. Conhecedores da própria condição de exclusão de que são portadores, diante dos recursos e das riquezas dos “vencedores”, denunciam, por meio de sua sociabilidade, pela força, pela violência e criminalidade, uma sociedade que os exclui e os periferiza para longe dos grandes centros integrados.

Nessa condição encontramos as famílias desses aglomerados com grande predominância da figura feminina, ou centrada nas figuras femininas.

No caso brasileiro sabemos que por volta de 40% das famílias são chefiadas por mulheres e seus familiares e no caso português, nesses espaços há uma grande predominância desse quadro.

No Lagarteiro, há um número aumentado de gravidez na adolescência/juventude, o que leva a constituição de núcleos familiares monoparentais maternos.

Tanto quanto no Brasil, em espaços segregados e de exclusão, as mulheres atuam nas esferas produtiva e reprodutiva predominantemente, são mais qualificadas, integram em menor número o tráfico de drogas e reorganizam suas relações a fim de equacionar as necessidades e dificuldades enfrentadas naquelas esferas.

Como forma de sobrevivência, nas condições desfavoráveis em que se encontram, estabelecem relações de parentesco, vizinhança, casamentos e famílias distintas do ideário dominante, muitas vezes, resgatando e adaptando formas de sociabilidade tradicionais para atender às necessidades e condições existentes.

O modelo de família conjugal-nuclear, embora ainda seja predominante em estatísticas gerais, no caso brasileiro, tem a proporção de 60% para famílias chefiadas pelos pais e 40% para famílias chefiadas por mulheres e parentela materna, de acordo com estatísticas do IBGE, o que nos revela uma significativa modificação desse modelo.

Em espaços periféricos, como os bairros que estamos estudando, há uma “rotatividade” de casamentos e relações conjugais, com a ausência dos homens junto às famílias, sejam como maridos ou como pais.

Deparamo-nos com inúmeras famílias baseadas no parentesco materno. Jovens mães abandonadas pelos parceiros e acolhidas de forma mais ou menos hostil pelos familiares, em decorrência de separações, divórcios ou abandonos dos homens/maridos/pais.

Assim, as mulheres/mães, responsáveis pela manutenção do grupo familiar, integram o mercado de trabalho, formal ou informal, da maneira que conseguem, a fim de cuidar de si e dos filhos. Contam, para tal, com a colaboração dos próprios pais, que acolhem a filha e os netos



separados ou abandonados pelos homens, os quais, vão, reiteradamente, constituindo novos núcleos familiares que, por vezes vão deixando pelo caminho, como uma trilha de casamentos, separações, filhos e abandonos, sob a responsabilidade de ex esposas, mães e parentela materna.

Torna-se comum essa prática descomprometida dos homens/pais, que, em muitos casos, quando integram as famílias, acabam por fazer uso de álcool, drogas ou tráfico, bem como promover relações de violência doméstica junto à esposa e aos filhos.

Também tem aumentados a presença das mulheres junto à atividade e gerenciamento do tráfico, tendo em vista que os homens acabam por morrer precocemente ou vão parar na prisão, o que tem levado as mulheres a assumir suas atividades e funções junto à ilegalidade e ao tráfico.

Não queremos nos esquecer ou menosprezar os homens/maridos/pais trabalhadores e responsáveis junto ao núcleo familiar, porém cabe-nos ressaltar a emergência de tais práticas nos universos empobrecidos e segregados.

Além da inserção ampliada no mercado de trabalho e actividades paralelas à ele, na reorganização dos agregados familiares, contam com pequenos benefícios sociais regulamentados pelo estado brasileiro, os quais colaboram timidamente para a sobrevivência do grupo.

Constituem, então, um (re)arranjo ou novo arranjo nas relações com a vizinhança e comunidade. As inúmeras famílias centradas na parentela feminina aglutinam-se e reorganizam-se entre famílias ligadas pelo parentesco ampliado, pela proximidade, pela vizinhança e reorganizam sua dinâmica de funcionamento, papéis e relações, diante do novo quadro que se coloca em suas vidas.

É comum que uma das mulheres da casa cuidem da esfera doméstica/reprodutiva enquanto a(s) outra(s) ocupem seu lugar no espaço produtivo e possibilitem o sustento da família. Também é comum que uma das mulheres cuidem das crianças de mais de uma família enquanto as outras mães trabalham fora. Vizinhança e familiares solidarizam-se na ajuda mútua, principalmente em situações graves e de risco. Acabam por reestruturar papéis e relações, a fim de manter-se em condições mínimas de vida.

Além das tarefas referentes a reestruturação das novas e distintas famílias, as mulheres, movidas pela forte religiosidade, envolvem-se nas tarefas e actividades variadas na igreja e na comunidade, no intuito de buscar alternativas para uma vida melhor.

A religiosidade e as comunidades religiosas são marcantes na vida dessas mulheres e acabam por constituir-se como espaços de trabalho, solidariedade e lazer do grupo em questão.



Assim as figuras femininas, nos espaços de segregação e exclusão, representam as figuras centrais, em todos os níveis, o que contraria o ideário feminino e de família burgueses ao longo da história:

As mulheres, embora relegadas ao silêncio patriarcal e machista, pela brutalidade dos sistemas e dos homens, ao longo dos séculos, jamais se renderam. Ocupam, apropriando-se da nossa herança de atuação e resistência, papéis e espaços sociais para além da discriminação e ideologia.

Injustiçadas pelo sistema, pela vida e pelos homens, em suas relações violentas sistêmicas e individuais, movem o cenário social de forma marcante, sem sequer perceber isso.

Embora sejam as protagonistas do script real, quando se encontram casadas com os homens, em muitos casos, agem de maneira subalterna, submetida às vontades, opiniões e atitudes masculinas. Convivem e aceitam, em proporção relevante, sua prática machista, desde as mais amenas às mais violentas física e psicologicamente.

O argumento machista, da dominação entre homens e mulheres, apesar da prática feminina contrária, persiste nas cabeças de parte delas, o que mantém o patriarcado e o machismo em suas inúmeras metamorfoses

Parte das mulheres ainda procuram, no nível do ideário social, o homem/marido provedor, cuidador, companheiro, pai, que em grande proporção não existe. Negam, em suas práticas sociais, a lógica patriarcal imposta, porém a reafirmam do ponto de vista ideológico. Diferentemente dos homens que abandonam mulheres, casas, filhos, emprego, ao longo do caminho. As mulheres assumem os filhos, a família, o trabalho, porém ainda se mantém os valores ideológicos machistas em muitas de suas práticas.

Bibliografia

ALMEIDA, S.S. e SAFFIOTI, H. **Violência de Gênero: poder e impotência**. São Paulo: Revinter, 1995.

ALVARENGA, A. e MALTSCHEFF, J. “ *L’espace social, un nouveau paradigme* “ in **Espaces et sociétés**, vol XXVII, n 90, 1980.

ÁRIES, P. **História Social da Criança e da Família**, Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BAPTISTA, L.V. **Cidade e habitação social**, Oeiras: Celta Editora, 1999.

BASTOS, J.G.P. **Portugal Europeu**, Oeiras: Celta Editora, 2000.

BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**, São Paulo: Perspectiva, 1974



_____ **A Miséria do Mundo**, São Paulo: Brasiliense, 1997

BRANDÃO, C.A.L.(org). **As Cidades da Cidade**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CASTELLS, M. **Problemas de Investigação em Sociologia Urbana**, Lisboa: Ed Presença, 1975.

CEDES. **Educação e Multiculturalismo: Favelados e Meninos de rua**, Caderno 33, São Paulo: Papyrus e CEDES, 1993

FERNANDES, L. **Etnografia urbana das drogas e do crime**, Coleção Droga/Crime, Estudos Disciplinares, Gabinete do Planejamento e Coordenação do Combate às Drogas, Lisboa, 1997.

FERREIRA, A.F., **Por uma nova política de habitação**, Porto: Ed. Afrontamento, 1987.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro: Zahar, 1978

GONÇALVES, F. **A mitologia da habitação social**, Cidade/Campo – Cadernos da Habitação ao Território, n 1, 1978.

GRAZIANO, J. **Estrutura Agrária e Produção de Subsistência na Agricultura Brasileira**. São Paulo, Hucitec, 1986.

GROSS, M. **O alojamento social sob o fascismo**, Porto: Ed. Afrontamento, 1982.

GUERRA, P. **Tecido urbano actual – continuidade ou descontinuidade?**, in Revista de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, vol 1, série 1, 1991.

_____, **A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um objecto complexo**, Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, Universidade do Porto, Porto, 2003, (mimeo).

KURZ, R. **O Colapso da Modernização**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JAVEAU, C. “*Société, socialité et sociabilité dans les banlieus*”, in BOURDIN A. e outro (org) **Figures de la Ville**, Paris, Ed Aubier-Montaigne, 1985

PAIS, J. M. “*Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana*”, in **Análise Social**, vol XXII, n 90, 1986.

PINTO, J.M. **Estruturas Sociais e Práticas Simbólico-Ideológicas nos Campos**, Porto: Ed Afrontamento, 1985.

PRIORE, M.D. (org) **História das Crianças no Brasil**, São Paulo: Editora Contexto, 2007

Relatório Final Operação Lagarteiro – uma intervenção alicerçada na participação, Lisboa, 2009

SEBASTIÃO, J. **Crianças de Rua – Modos de Vida Marginais na cidade de Lisboa**, Oeiras, Celta Editora, 1998.



SINGER, P. **Capitalismo Tardio**, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984

_____. **Economia Política da Urbanização**, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

STOLCKE, V. "Sexo está para gênero, assim como raça para etnicidade" In **Cadernos Cândido Mendes**, 20, 1991.

TEIXEIRA, M.C. **As estratégias de habitação em Portugal**, in *Análise Social*, vol XXVII, n 115, 1992.

THERBORN, G. **Sexo e Poder: a família no mundo (1900 – 2000)**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

VENTURA, Z. **Cidade Partida**, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZALUAR, A **A Máquina e a Revolta: As organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<http://www.ibge.com.br> acessado em 12 de janeiro de 2010.

<http://www.inep.com>, acessado em 12 de janeiro de 2010